

O biopoder no conteúdo da TV

Jeferson Bertolini¹

Jacques Mick²

Resumo

Este artigo apresenta resultados de pesquisa sobre a relação entre biopoder (técnica de poder que busca produzir corpos economicamente ativos) e a TV brasileira. O objetivo é mostrar que o conteúdo veiculado por programas de TV sobre saúde e bem-estar é compatível com o biopoder. Como técnica, o trabalho usa análise de conteúdo do programa *Bem Estar*, da *Rede Globo*. O manuscrito conclui que o conteúdo veiculado pelo programa é compatível com o biopoder porque incide majoritariamente sobre o corpo, o mesmo alvo do biopoder, com o pretexto de preservá-lo ou torná-lo saudável.

Palavras-chave:

Jornalismo. Biopoder. Corpo

Abstract

This article presents study results about relationship between biopower (power technique that seeks to produce economically active bodies) and TV programs on health and well-being. The goal is to show that the content of these programs is compatible with biopower. As a technique, the work uses content analysis of the *Bem Estar* program, *Rede Globo*. The manuscript concludes that the content conveyed by the program is compatible with biopower because it focuses mainly on the body, the same target of biopower, under the pretext of preserving it or making it healthy.

Keywords:

Journalism. Biopower. Body

Introdução

Este artigo traz resultados de pesquisa sobre a relação entre biopoder e TV. Buscou-se saber se o conteúdo veiculado pela TV brasileira sobre saúde e bem-estar é compatível com o biopoder (técnica de poder que procura otimizar um estado de vida na população para produzir corpos economicamente ativos).

Por biopoder, entende-se uma forma indireta de governar a vida, iniciada no século 17, que se divide em disciplinas (recaem sobre o corpo dos indivíduos, procurando

¹ Doutor em Ciências Humanas (UFSC), mestre em Jornalismo (UFSC), graduado em Comunicação Social/Jornalismo (Univali). jefersonbertolini@gmail.com

² Doutor em Sociologia Política (UFSC), mestre em Sociologia Política (UFSC), graduado em Comunicação Social/Jornalismo (UFSC). jacques.mick@ufsc.br

potenciá-los) e biopolítica (recai sobre a população como um todo, na tentativa de regulá-la). “As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (FOUCAULT, 2012, p.152).

Por TV, entende-se o meio de comunicação de massa que no Brasil existe desde a década de 1950 (BRIGGS; BURKE, 2006).

O argumento central deste estudo é: no encontro com a TV, o biopoder se potencializa e leva as técnicas do *fazer viver* ao grande público. Uma das consequências possíveis é a formação de um grupo populacional controlado, incentivado a cuidar do corpo para viver mais, trabalhar mais e consumir mais, como convém ao mundo capitalista.

Na perspectiva deste estudo, a TV potencializa o biopoder quando traduz e faz circular o saber médico (indispensável às técnicas do *fazer viver*). Na maioria dos casos, isso ocorre quando a mídia busca *prestar um serviço* à audiência, via jornalismo.

O encontro entre biopoder e TV deve ser observado com atenção porque, de um lado, há uma técnica de poder que busca potencializar a vida dos indivíduos, tornando-os mais aptos e resistentes às linhas de produção; de outro, há um veículo midiático capaz de influir sobre as massas (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993).

Este é um estudo interdisciplinar. Associa temas da Filosofia e de outras ciências humanas à Comunicação Social. A interdisciplinaridade “não é um método novo; é uma estratégia eficiente para a compreensão, interpretação e explicação de temas complexos” (MINAYO, 2010, p. 441).

O texto está dividido em três seções. A primeira apresenta a metodologia do estudo. A segunda destaca o programa *Bem Estar*, da *Rede Globo*, alvo da análise de conteúdo (foi escolhido por ser o primeiro do país sobre saúde e bem-estar). A terceira apresenta a análise de conteúdo (traz exemplos de frases extraídas da análise de conteúdo que, para este trabalho, parecem compatíveis com o biopoder).

O artigo conclui que o discurso da mídia brasileira é compatível com o biopoder porque incide majoritariamente sobre o corpo, o mesmo alvo do biopoder, com o pretexto de preservá-lo ou torná-lo saudável.

Metodologia

Esta pesquisa usa análise de conteúdo. A técnica foi aplicada ao programa *Bem Estar*, da *Rede Globo*. Foram analisados 81 programas (33,19% dos exibidos em 2016). Dentro do processo de amostragem, escolheu-se o primeiro mês cheio de cada uma das quatro estações do ano.

A análise de conteúdo “é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplica a discursos diversificados; ela absolve e cauciona o investigador pela atração pelo escondido, o não aparente” (BARDIN 2010, p. 7).

Para medir a frequência de determinado assunto, esta pesquisa usa *temas* como unidade de registro e programas como unidade de *contexto* (*tema* é uma frase dita no programa; *contexto* é cada programa analisado). Ou seja, este estudo somou quantas vezes determinado *tema* apareceu dentro de cada programa.

Foram criadas 10 categorias para a análise de conteúdo; elas foram elaboradas previamente, a partir de leitura sobre biopoder; os nomes delas foram criados pelos autores deste estudo. Os nomes delas e as respectivas justificativas (por que elas têm relação com o biopoder) são:

a) Poder medical: é a primeira formulação biopolítica em Foucault (2012). Nela, o médico aparece como instrumento do controle político da saúde da população. Esse profissional assume uma posição privilegiada na teia de relações de poder que determinam a configuração social, e que atuam para melhorar o corpo coletivo.

b) Poder nutricional: segue a mesma cartilha do poder medical; o nutricionista pode se converter em instrumento do controle político para disciplinar a saúde da população; ele serve, por exemplo, à produtividade fabril.

c) Ciência: é compatível com o biopoder porque é usada para enaltecer ou para dar contornos de verdade àquilo que foi estudado pelos médicos e que, por esse motivo, pode ser consumido, comprado, adotado, manipulado, prescrito, indicado à saúde.

d) Prato eficiente: é compatível com o biopoder porque busca formar um corpo eficiente, vigoroso, disponível ao mercado de trabalho. Nele, a comida não deve priorizar o prazer; deve nutrir o corpo. O prato eficiente recai sobre o indivíduo (as escolhas que faz sozinho na hora de se alimentar) e sobre a população como um todo (passa a incorporar este modelo regrado).

e) Norma: é compatível com o biopoder porque busca reger os indivíduos por meio de um modelo. Significa que um modelo corporal é estabelecido como normal, e o público é encorajado a segui-lo. No caso da mídia, o modelo encorajado é o magro.

f) Corpo máquina: vê o corpo como algo que pode ser constantemente melhorado, modificado; como algo que pode render mais.

g) Natural x artificial: é compatível com o biopoder porque mostra que, em nosso tempo, a natureza pode ser modificada para potencializar o corpo humano ou para protegê-lo de ameaças naturais ou artificiais.

h) Disciplina: é a parte do biopoder com foco no adestramento do corpo, agindo na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos.

i) Alarmismo: tem ligação com o biopoder porque é compatível com o dispositivo da segurança; a segurança diz que é preciso calcular o risco de tudo o que ameaça a população.

j) Dicas: contêm traços de biopoder porque, em muitos casos, é por meio delas que o programa televisivo ensina as potencialidades do corpo.

O programa analisado

O programa *Bem Estar* foi o primeiro da TV brasileira a tratar exclusivamente sobre saúde e bem-estar. Foi criado em fevereiro de 2011 pela *Rede Globo*. Até abril de 2019, era apresentado de segunda à sexta-feira, ao vivo, entre 10h e 10h45, com o argumento de “ajudar o público a levar uma vida mais saudável”. Depois dessa data foi transformado em quadro dos programas de entretenimento *Encontro com Fátima Bernardes* (apresentado de segunda à sexta) e *É de Casa* (exibido aos sábados).

Mesmo depois desta transformação o programa manteve o formato de ser apresentado por jornalistas em parceria com médicos consultores (pediatra, psiquiatra, ginecologista, dermatologista, oftalmologista, cardiologista e ortopedista). Esses médicos participam ao vivo, em sistema de revezamento, de acordo com a pauta.

Em linhas gerais, a atração procura ensinar os segredos da alimentação saudável e a importância da atividade física. Costuma condenar a gordura e incentivar a magreza. Com frequência, promove quadros estilo *reality show* para emagrecer telespectadores.

O estúdio costuma imitar a sobriedade de um consultório médico, pintado em tom pastel e adornado com livros, maquetes médicas, tubos de ensaio e folhagens discretas. Mas pode reproduzir um ambiente de praia ou de piscina, com espreguiçadeira e guardassol, se o tema for ligado ao verão.

O surgimento do *Bem Estar* se deu após o sucesso de quadros sobre saúde lançados pela *Rede Globo* em outros programas jornalísticos da emissora. O mais notório deles foi a participação do médico Drauzio Varella no *Fantástico*, a partir do ano 2000, quando ele apresentou a série *Viagem ao corpo humano*. A aceitação foi tamanha que outras séries vieram na sequência, como *E Agora Doutor*, na qual o médico esclarecia dúvidas em relação à saúde, e *Questão de Peso*, sobre pessoas que têm compulsão por comer. Varella também apresentou quadros sobre fumantes, mulheres grávidas, funcionamento do cérebro e planejamento familiar.

Resultado da AC: o que diz o *Bem Estar* em termos de biopoder

Esta seção traz exemplos de frases extraídas do programa *Bem Estar*. Trata-se apenas de uma amostra do conteúdo analisado. O material está dividido nas 10 categorias de análise.

a) Poder medical

O programa *Bem Estar* dá *amplo espaço aos médicos*. Nos 81 programas analisados, foram entrevistados 291 profissionais ligados à saúde. Desse total, 193 (66,32%) eram médicos, de 35 especialidades. Os 98 restantes (33,67% do total) eram especialistas em temas afins, como nutricionistas, fisioterapeutas e psicólogos.

No programa, *o público parece conduzido a uma obediência plena à medicina*. Até para espremer cravos é preciso submeter-se ao poder médico. “Esta telespectadora [mulher que enviou foto de cravo no rosto] tem que procurar um dermatologista para se tratar”, diz dermatologista ao ver imagem (19/01, sobre cravos e espinhas).

O médico pode aparecer como *aquele que sabe o que precisa ser feito e a maneira como deve ser feito*: “O exercício deve ser de acordo com o biotipo de cada pessoa. Por isso um bom treinador, associado a um bom médico, é fundamental à prescrição do exercício”, diz médico do esporte (29/01, sobre atividade física).

Também pode aparecer como *aquele que pode evitar o sofrimento alheio ou ajudar aquele que enfrenta algum problema*: “Tudo isso tem tratamento. Procure um médico. Não sofra”, diz ginecologista à telespectadora com tensão pré-menstrual (20/04, sobre TPM).

O profissional da medicina *conhece as consequências do descuido com a saúde*: “O custo de uma doença mental não tratada é muito alto. Não estamos falando de uso indiscriminado de psicotrópicos. Paciente com estado de moderado a grave precisa de medicação”, diz psiquiatra (08/07, sobre depressão infantil).

Ora *o médico aparece como salvador*: “A gente [médico] realmente oferece muita qualidade de vida a esses pacientes”, diz médica sobre pessoas com tremedeiras (28/04, sobre Parkinson). Ora como *o único habilitado a falar sobre determinado assunto*: “É um nome complicado: distúrbio comportamental do sono REM”, diz médico sobre o sono no Parkinson (28/04, sobre Parkinson).

Conduzido ao posto de autoridade, *o médico decide o que a população pode e o que não pode em termos de saúde*. “A gordura do ovo não é tão maléfica quanto se pensava. A pessoa pode comer um ovo por dia”, diz cardiologista sobre a dúvida clássica do comedor moderno (25/10, sobre colesterol).

Um dos motivos que ajudam a entender por que a figura do médico tomou tal relevância é o fato de quase tudo ser considerado doença. *O programa usa frequentemente a expressão doença da moda*: “Agora a gente está falando da doença da moda, que é a intolerância ao leite”, diz o apresentador Fernando Rocha (27/01, sobre lactose).

Resultado da categoria: o tema médico, em frases que colocam esse profissional como figura que detém conhecimentos salvadores e que por isso deve ser seguido, aparece 123 vezes na amostra analisada, de 81 programas (1,51 vez por programa).

b) Poder nutricional

Depois dos médicos, o nutricionista é o profissional mais ouvido no *Bem Estar*: Dos 291 especialistas entrevistados no período analisado, 38 (13,05%) eram nutricionistas.

No programa, o nutricionista aparece como *aquele que detém o conhecimento sobre a alimentação, sabendo tirar o máximo proveito dos alimentos*: “A cenoura é antioxidante e anti-inflamatória. É bom para o coração”, diz nutricionista ao ensinar a fazer “macarrão de mentira” por trocar massa de farinha por tiras de abobrinha (11/01, sobre macarrão).

O nutricionista surge como *aquele que ajuda*: “Para fazer aquele coco de dar orgulho na gente, aquele que a gente fica feliz, anota aí uma misturinha que ajuda: aveia, água e fruta” (11/04, sobre prisão de ventre).

Ao apresentar-se como autoridade em alimentos, *o nutricionista ganha autoridade e passa a dizer o que está certo ou errado e o que pode ou não pode na hora de comer*. “Está certíssimo”, diz nutricionista à telespectadora que mandou foto de prato de macarrão com azeite e castanha (11/01, sobre macarrão).

Autorizado a opinar, o profissional da nutrição *passa a regular o prato alheio*. “A meta do dia é comer três porções de frutas” (04/04, sobre frutas); “A dose ideal são duas conchas, senão engorda, ok?”; diz nutricionista ao ensinar sopa “para comer sem engordar” (01/07, sobre lanches).

A exemplo do médico, o nutricionista parece crer que *é responsável pela saúde da população*: “Nós que trabalhamos com saúde pública temos que nos atentar com a prevenção. A gordura abdominal pode ser vista a olho nu”, diz nutricionista ao ver, e reprovar, imagem de pessoa acima do peso (25/07, sobre IMC).

Resultado da categoria: o termo nutricionista aparece 39 vezes em 81 programas, o que dá uma média de 0,48 vez por programa. Mas, considerando apenas os programas que tratam sobre alimentação ou que aludem ao tema (52 dos 81), a média sobe para 0,75.

c) Ciência

O discurso de médicos e nutricionistas para construir corpos magros e ativos se baseia, em grande parte, naquilo que foi estudado ou dito pela ciência. Outras formas de conhecimento, como o popular, são ignoradas no programa. No programa, a ciência aparece como aquela que *ajuda a saúde porque identifica o que faz bem e o que faz mal ao corpo*: “Este picolé de coco não leva açúcar. Sabemos que o açúcar é compulsivo, porque isso já foi estudado e pesquisado”, diz nutricionista (05/01, sobre água de coco).

O estudo não busca dominar. Procura *ajudar as pessoas*: “Tudo isso é estudado para fazer bem às pessoas”, diz especialista em alimentos (12/01, sobre conservantes). Não só o alimento é estudado. A atividade física também: “Nós temos evidências na literatura de que atividade física deve acompanhar o cardíaco”, diz fisiologista (29/01, sobre atividade física).

A ciência é usada como *argumento daquilo que está sendo dito*: “Já se provou [pela ciência] que só a mudança de alimentação não previne [o câncer de intestino]”, diz médico (11/04, sobre prisão de ventre).

A *ciência surpreende, avança, descobre*, por isso deve ser admirada: “O que você vai ver agora é surpreendente. É o avanço da ciência”, diz a apresentadora Michele Loretto sobre o norte-americano que ficou tetraplégico e voltou a mexer a mão ao usar um chip no cérebro que transmite impulsos ao corpo (22/04, sobre torcicolo).

Resultado da categoria: o termo ciência, usado para enaltecer ou para dar contornos de verdade ou de algo bom àquilo que foi estudado e que, portanto, pode ser consumido, comprado, adotado, manipulado, prescrito, indicado, aparece 54 vezes na amostra ou 0,66 vez por programa.

d) comida eficiente

O programa *Bem Estar* costuma apresentar a comida como algo que deve nutrir o corpo, tornando-o mais forte e saudável.

No programa, a *face nutritiva do alimento é a mais valorizada*: “Você pode acrescentar abóbora no molho para ele ficar mais nutritivo”, diz nutricionista ao ensinar receita de molho (11/01, sobre macarrão).

Passa-se a ideia de que *é no alimento que está o que o corpo precisa para ser saudável*: “Tente atingir a meta de cálcio pela comida, e não por remédio”, diz a apresentadora Michele Loretto (06/04, sobre saúde dos ossos).

Aquilo que *ameaça o bom funcionamento do corpo é desencorajado*: “Proteína em excesso pode formar pedras nos rins”, diz mensagem na tela (28/01, sobre pedra nos rins).

O *alimento que faz bem ao corpo é incentivado*. “A dieta dos especialistas inclui muito peixe”, diz reportagem sobre saúde da memória (08/07, sobre depressão infantil).

A *eficiência está atrelada ao que podemos chamar de cálculo*: tudo que é consumido ou eliminado pelo corpo por meio de atividade física deve ser calculado. Deve-se saber a quantidade de calorias, o percentual de gordura, a composição química: “Copo de iogurte tem 300 miligramas de cálcio; duas fatias de queijo equivalem a um copo de leite; 800 miligramas de cálcio é o que você precisa por dia”, diz nutricionista (06/04, sobre saúde dos ossos).

O *número ajuda na saúde*: “Para fazer coco, você precisa de 25 gramas de fibras por dia”, diz mensagem exibida na tela (11/04, sobre prisão de ventre). Também *está na meta do dia*: “De 2 mil a 2,5 mil calorias é uma média boa para uma pessoa adulta”, diz endocrinologista sobre o total de calorias por dia (04/07, sobre trabalho que engorda); “É obvio que estas calorias [lanche da manhã] devem ser contadas na meta do dia: quantas calorias cabem no meu lanche da manhã, quantas calorias eu devo comer no lanche da tarde”, diz nutricionista (04/07).

Saber *a quantidade de calorias perdidas se converte naquilo a ser descoberto e festejado*: “Quantas calorias você perdeu?”, pergunta repórter a mulher que faz treino intervalado para emagrecer.

Resultado da categoria: o tema comida eficiente, quando se pensa o alimento como aquilo que deve nutrir o corpo e como algo capaz de torná-lo ou mantê-lo saudável, aparece 101 vezes na amostra. Média de 1,24 vez por programa. Considerando-se apenas os programas que trataram direta ou indiretamente de comida (52 de 81; exclui-se, por exemplo, programas que tratam de males urbanos, como poluição, ou programas sobre comportamento, como a importância de brincar na infância), a média sobe para 1,94 vez por programa.

e) Norma

O programa *Bem Estar* valoriza quem leva uma vida saudável. Os entrevistados elogiam quem almoça vegetais, quem para de fumar, quem caminha diariamente. Enaltecem, sobretudo, quem perde peso. O corpo magro e saudável aparece como norma.

O programa *enaltece a magreza ao ensinar a “comer sem engordar” ou a comer menos*. “No próximo bloco vamos falar de um aliado da cozinha: o vinagre. Com ele dá para proteger os alimentos e ainda comer sem engordar”, diz o apresentador Fernando Rocha (13/01, sobre conservantes).

A magreza é festejada como sinônimo de beleza ou como boa notícia. “Até porque, se ela malha [telespectadora], é porque quer ficar bem [bonita] e não quer engordar”, diz a apresentadora Mariana Ferrão (18/01, sobre comer à noite). Busca-se *espantar a gordura*: “Prefira milho sem manteiga porque a gente não quer gordura”, diz pediatra (21/01, sobre comida de praia).

O programa *valoriza o corpo mediano*. “A gente pegou assim uma média de um peso feminino. Temos aqui uma mulher elegante, esbelta, que pesa 68 kg. Ela vai precisar de 68 gramas de proteína”, diz Fernando Rocha. “Vamos pegar o modelo masculino: um rapaz saudável de 90 kg”, diz o apresentador (01/07, sobre lanches).

O gordo *pode ser visto como alguém anormal*: “O obeso ganha menos que uma pessoa normal [o gordo não é normal?]”, diz médico (04/07, sobre trabalho que engorda).

Resultado da categoria: o tema norma, no sentido de o discurso televisivo afirmar, de forma direta ou indireta, que o corpo magro é o normal e que deve ser o modelo a ser seguido, aparece 58 vezes na amostra analisada. Média de 0,71 vez por programa. Quando se considera apenas os programas que tratam exclusivamente de temas relacionados ao corpo, como alimentação, atividade física e doenças (66 de 81; exclui-se, por exemplo, programas que tratam de comportamento, como cuidado na viagem de férias), a média sobe para 0,87 por programa.

f) Corpo máquina

O corpo máquina procura pensar o homem como um relógio, uma máquina programada para comer e se exercitar na medida certa. Ao corpo não cabe prazer, vontades. Cabe roteiros, programas, controles que adestram o ser humano. O *Bem Estar* costuma *comparar o corpo à máquina*, sobretudo ao computador. “É preciso dar um salvar para guardar as informações”, diz repórter, ao lado de um computador, em reportagem sobre memória” (06/07, sobre hiperatividade).

O *discurso está impregnado de termos ligados à máquina*: “Você tem que mudar seu software [aponta para a cabeça] para programar seu corpo para aterrissar para frente”, diz médico em reportagem sobre atividade física (14/01, sobre joelho). O corpo pode ser moldado, *construído como uma máquina*: “Tem que haver uma construção do corpo”, diz médico sobre como preparar o corpo para as atividades físicas (08/04, sobre esporte).

O *cérebro, quando funciona programado como uma máquina, é capaz de vencer sentimentos naturais, como a preguiça e a gula*: “É emagrecendo o cérebro que a gente emagrece o corpo”, diz neurocientista, participante de um quadro de emagrecimento (29/01, sobre atividade física). Ela perdeu 8 kg em dois meses, passando de 84,5 kg para 76,5 kg.

O discurso sobre o corpo como máquina não está apenas na fala de médicos. Aparece também em recursos gráficos usados para explicar o funcionamento do corpo. De exemplo pode ser citado o programa de 18/01 (sobre comer à noite), no qual um infográfico mostra o corpo “programado como um relógio” para comer nas horas certas.

Resultado da categoria: o tema corpo máquina aparece 40 vezes na amostra analisada. Significa que, 0,49 vez por programa, algum especialista ou apresentador compara o corpo humano a uma máquina, sendo capaz de operar dentro de um gabarito funcional e de ignorar emoções e sentimentos em busca de determinado resultado.

g) natural x artificial

Nesta categoria destaca-se o perigo à saúde contido no natural ou no artificial.

No programa *há um alerta em relação à natureza*: “Há muitos venenos na natureza”, diz especialista em alimentos (12/01, sobre conservantes de alimentos). Por outro lado, *há uma predisposição à suposta segurança do produto industrializado*: “Prefira água com gás. A hora que você abre, você vê o gás e sabe que é industrializada”, diz infectologista, enaltecendo que o produto industrializado é “mais confiável” (21/01).

O *artificial pode ser visto como aquilo que faz bem ou que corrige falhas do corpo*: “Há muitos venenos feitos em laboratório para fazer bem às pessoas”, diz especialista em alimentos (12/01, sobre conservantes).

O *artificial pode ajustar o funcionamento ou o formato do corpo*: “Uma vez grampeado [o estômago], nós precisamos reorganizar o trato intestinal. Fazemos um atalho”, diz médico, em reportagem sobre cirurgia bariátrica (10/10, sobre diabetes).

O *artificial pode salvar vidas*. Exemplo disso está em reportagem sobre “galinhas modificadas geneticamente à produção de vacina contra a gripe”. Não são galinhas comuns. Nasceram da intervenção científica (16/04, sobre relação entre gripe e males do coração).

O *industrializado nos melhora ou nos reabilita*: “Os médicos instalaram um aparelho que substitui as funções do ouvido”, diz repórter sobre mulher que começou a escutar aos 26 anos de idade após implante de aparelho no ouvido.

No *caso específico da alimentação, parece haver uma inclinação ao natural*: “Não é que seja proibido. É liberado pela Anvisa. Mas é importante você ter consciência do que está levando para casa”, diz Fernando Rocha após informar que suco industrializado tem 21 produtos (12/04, sobre alimentos processados)

Resultado da categoria: o tema natural x artificial, quando opõe natureza e produtos industrializados, ora enaltecendo um, ora valorizando o outro, com vistas ao aumento da performance do corpo, aparece 38 vezes na amostra analisada. Média de 0,46 vez por programa.

h) Disciplina

Especialistas ouvidos pelo programa *Bem Estar* recomendam disciplina a quem quer atingir metas, como perder peso, reduzir a quantidade de calorias nas refeições ou manter uma rotina de atividades físicas.

No programa, *o discurso disciplinar às vezes se parece com as formas de incentivo*: “Seja mais forte que suas desculpas”, diz apresentador após matéria de personagem que pensou em não caminhar “por causa de bolha no pé” (04/01, sobre metas de Ano Novo).

O *programa recomenda a vigilância*, mesmo que seja com outros nomes: “Comunique suas metas aos outros”, diz mensagem exibida em tela (04/01, sobre metas de Ano Novo).

O *Bem Estar valoriza a voz da autoridade*: “A pessoa tem que ter esta disciplina para o melasma não voltar”, diz dermatologista ao falar sobre a importância de usar filtro solar, inclusive nos dias nublados (19/01, sobre como tratar cravos).

Aquele que tem disciplina vive melhor: “Uma criança organizada aprende mais”, diz o apresentador (01/04, sobre organização da casa).

Quem não tem disciplina pode ser visto como doente: “Se você não se anima a arrumar o armário, pode ser sinal de depressão, de doença grave”, diz psiquiatra (01/04).

Resultado da categoria: o tema disciplina, no sentido de incitar a audiência a ter rigoroso controle do corpo, dos desejos, dos sentimentos em contrário para se alcançar determinado objetivo, como manter-se firme a uma dieta alimentar ou atividade física, aparece 54 vezes na amostra analisada, ou 0,66 vez por programa.

h) Alarmismo

O alarmismo surge de uma série de alertas feitos pelo *Bem Estar* sobre riscos (como risco de morrer ou de contrair determinada doença). O objetivo do alarmismo pode ser ajudar a audiência a ter uma vida mais protegida. Mas ele costuma assustar.

No programa, fala-se em *risco de morte como forma de preservar a vida*: “Outra coisa que pode acontecer na viagem de avião é a trombose. Ela vai para o pulmão e a pessoa pode morrer”, diz médico ao falar sobre riscos à saúde no avião (07/01, sobre viagem de férias).

O alarmismo também leva em conta o número: “Desde o início do programa, 753 pessoas foram diagnosticadas com diabetes; 174 morreram de problemas do coração provocados pelo diabetes”, destaca contador exibido no programa (10/10, sobre diabetes).

O alerta *às vezes procura evitar um problema*: “Correndo, você pode evitar a cegueira”, diz oftalmologista, encorajando consulta para identificar deslocamento de vítreo, problema que costuma ocorrer após os 50 anos de idade e cujos sintomas mais comuns são miopia, trauma ocular, inflamação ocular e flashes (05/10, sobre cegueira infantil).

Às vezes recorre-se aos sintomas para se alertar dos riscos: “Pessoas com enxaqueca de aura têm mais risco de AVC”, diz mensagem exibida em tela (20/01, sobre dor de cabeça).

O programa parece ver risco em tudo: “O risco também está nas brincadeiras e na hora de lazer”, diz repórter, em matéria sobre riscos à memória, após mostrar lutadores de boxe doentes de tanto levar pancada na cabeça (05/07, sobre perda de memória).

Resultado da categoria: no contexto acima, em que se usa a morte ou o risco de morte para que a audiência cuide da vida, valorizando-a em todos os sentidos, o tema alarmismo aparece 196 vezes na amostra analisada. Média de 2,41 vezes por programa.

i) Dica

O *Bem Estar* traz uma série de dicas ao público. Dica soa como um conselho. Tem uma carga positiva. Não está atrelada a um risco, como no *alarmismo*.

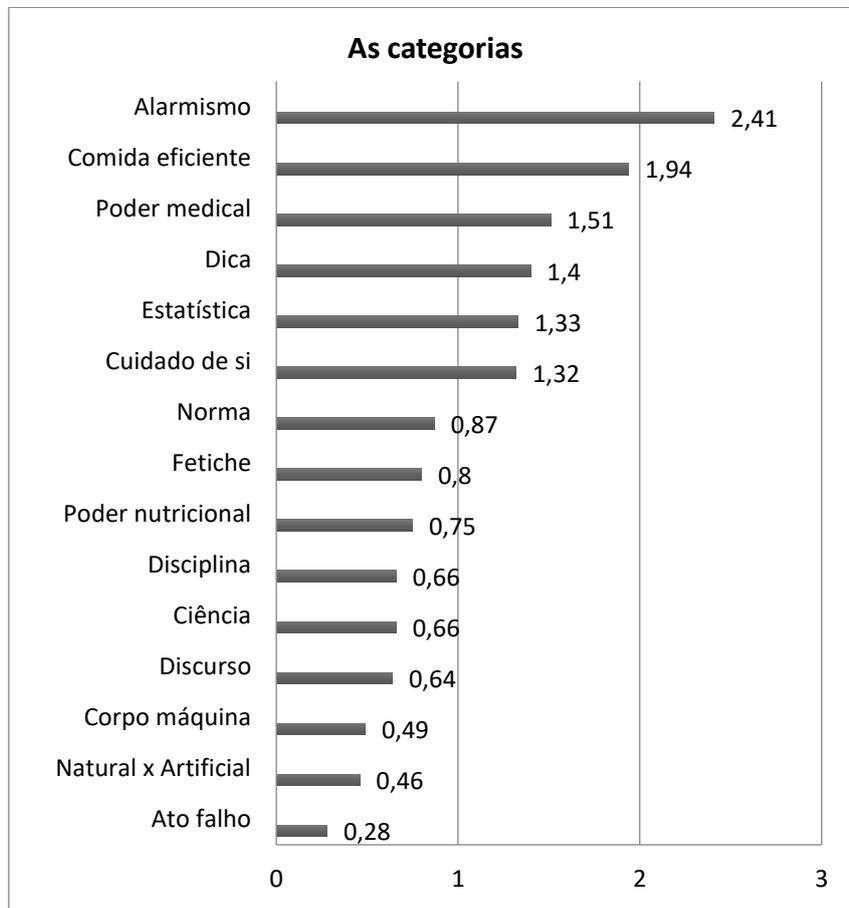
No programa, a *dica mais comum é sobre alimentação*: “Água de coco hidrata mais rápido”, diz nutricionista (05/01, sobre água de coco);

Também *podem ensinar macetes sobre doença*: “Pingar álcool no ouvido ajuda a secar a água que causa ortite” (15/01, sobre dor de ouvido); “Colocar compressa fria na virilha e axila gela o corpo”, diz dermatologista (13/04, sobre calor).

A dica *pode até ajudar na escolha da roupa*: “É bom usar amarelo e vermelho. O branco deixa passar o sol. O preto é a cor que mais retém calor”, diz dermatologista ao sugerir cores de roupa para se usar no verão (06/01, sobre câncer de pele).

Resultado da categoria: o tema dica, que ocorre quando se busca ajudar o público a viver mais e melhor sem recorrer às ferramentas do alarmismo, aparece 114 vezes na amostra analisada. Média de 1,40 por programa.

Quadro 1 - Resultado da análise de conteúdo



Fonte: próprio autor

Conclusão

Esta pesquisa conclui que o conteúdo da TV brasileira sobre saúde e bem-estar é compatível com o biopoder porque, como prevê esta técnica de poder, ajuda a otimizar um estado de vida na população, contribuindo com a formação de corpos economicamente ativos.

A partir da análise de conteúdo do Bem Estar, esta pesquisa percebe que a TV brasileira:

(a) faz circular técnicas do fazer viver. Essa circulação ocorre pela divulgação de conteúdo com teor biopolítico, a partir de espaço dado a operadores clássicos do biopoder, como médicos; pela veiculação de assuntos científicos relacionados à saúde, geralmente em linguagem acessível ao grande público; pela produção própria de conteúdo afim.

(b) valoriza e dissemina valores clássicos do poder disciplinar, aquele que incide diretamente sobre o corpo, que promove o controle minucioso de suas operações, que

sujeita suas forças e que cria uma relação de utilidade-docilidade. Significa que ajuda a criar a imagem de que será mais feliz aquele que age com determinação, afínco e regularidade nas escolhas relacionadas ao corpo, como uma dieta ou a prática de determinada atividade física; que terá mais sucesso aquele que se submete à obediência e à vigilância, típicas de um poder que busca regular o indivíduo; que contribuirá com o coletivo aquele que aceita e incorpora valores como hierarquia e ordem.

(c) enaltece a medicina, o poder que está na base da formação biopolítica, atuando na normalização do corpo da população como um todo por meio do controle de processos como nascimentos, morte, reprodução e doença. Faz isso principalmente ao apresentar o médico como uma espécie de salvador, como aquele em quem se pode confiar plenamente, aquele que sabe o que diz e que tem o dom de cuidar da vida.

(d) colabora com a segurança da população. Essa colaboração está no fato de alertar sobre tudo aquilo que ameaça a segurança do povo, como males urbanos e novas doenças. Para tanto, a mídia usa especialmente a estatística, por meio da qual dissemina a ideia de risco relacionado à saúde (risco de morrer, de contrair determinada doença etc). Ao alertar sobre o que coloca a segurança da população em xeque, a mídia ajuda a implantar uma noção de “normal”, de modo que o indivíduo tenha vontade de entrar para a curva de normalidade, apontada como a ideal ou segura (no discurso midiático, o corpo normal é o corpo magro).

(e) orienta sobre a sexualidade, o dispositivo que se apoia em um dado natural (corpo) e universal (espécie) para articular simultaneamente o corpo do indivíduo e da população como um todo. Essa orientação ajuda a manter a audiência saudável e higienizada, a evitar comportamentos considerados perversos, a controlar prazeres e, nos casos mais comuns, a refletir sobre temas como natalidade e reprodução.

(f) colabora, aparentemente sem querer, com o projeto biopolítico de construção de uma linhagem de corpo considerada ideal. Faz isso, por exemplo, ao educar para o corpo magro e exercitado, aquele que se considera mais resistente a doenças e com potencial de fortalecer a população como um todo. A valorização do corpo esguio e rijo acaba por desqualificar outros modelos corporais, como o gordo, dando origem a uma fissura social que, com algum exercício de imaginação, lembraria o racismo.

(g) atua como agente do mercado, o ambiente que não pode ser dissociado do governo da população: tópicos como saúde, natalidade e longevidade, que já foram exclusivos da administração política, cada vez mais se ligam ao econômico, sobretudo pelas formas liberais de governo. A mídia dá visibilidade a operações mercadológicas, sejam elas governamentais ou privadas, relacionadas à saúde ou a outros temas.

Em resumo, tomando por base o exemplo do Bem Estar, o conteúdo da TV incide majoritariamente sobre o corpo, o mesmo alvo do biopoder, com o pretexto de preservá-lo ou torná-lo saudável. O resultado possível é a contribuição com a produção de corpos

fortificados, resistentes, higienizados, mais aptos ao mercado de trabalho. Em outras palavras, corpos economicamente ativos.

Neste contexto, parece razoável considerar que a incitação à vida percebida no conteúdo televisivo não partiria da mídia. Partiria de um sistema que lhe antecede e que lucra com o aumento da longevidade e produtividade da população: o capitalismo. E o capitalismo, como observa Foucault (2012, p. 153), “só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos nos aparelhos de produção e por meio de um ajustamento de fenômenos de população aos processos econômicos”.

A TV teria interesse em produzir corpos economicamente ativos? Este estudo apostaria que não. Acredita-se que os operadores da mídia buscam simplesmente prestar um serviço à população quando a ensinam a cuidar do corpo. Não percebem que, por traz do seu discurso em favor da vida, há tentáculos do biopoder, articulados pelo capital.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006

DEFLEUR, Melvin. BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da Comunicação de massa**; tradução de Otávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Disciplinaridade, Interdisciplinaridade e Complexidade**. In: Revista Emancipação. Ponta Grossa, 2010